

A MULHER NA PRODUÇÃO CULTURAL BRASILEIRA: INVISIBILIDADE E FOMENTO

Dulcilei da Conceição Lima¹

Resumo: *Porque são tão poucas as mulheres protagonistas das produções culturais?* Esse artigo aborda questões como a invisibilidade ou insuficiência do protagonismo feminino nas produções culturais brasileiras, a manutenção de estereótipos e preconceitos na representação das mulheres nas linguagens artísticas, a desigualdade no mercado de trabalho, nesse caso, nas funções ligadas à cultura e a urgência de políticas públicas de cultura direcionadas ao público feminino.

Palavras-chave: mulher, invisibilidade, produção cultural, fomento.

Protagonismo feminino na produção cultural: ausências e presenças

Em 2013 o *Ministério da Cultura (Minc)* e a *Secretaria de Políticas para Mulheres (SPM)* lançaram os editais *Prêmio Funarte Mulheres nas Artes Visuais* e *Carmem Santos Cinema de Mulheres* ambos resultados de ações conjuntas inéditas. Essas ações intersetoriais visam promover, entre outros, a valorização da mulher através da desconstrução de estereótipos, dar maior visibilidade a trabalhos artísticos e culturais de mulheres, criação de editais específicos para o público feminino e fortalecimento de ações em curso que se debruçam sobre esse recorte de gênero. Os editais são a concretização de parte dessas intenções. As discussões, propostas e ações realizadas nesses organismos federais vêm de encontro a demandas sociais colocadas por intelectuais, organizações sociais e grupos feministas.

Michelle Perrot (2012) afirma que escrever a história das mulheres é tirá-las do silêncio em que foram confinadas. É fundamental que não apenas a invisibilidade feminina na história e nas diferentes linguagens seja questionada, mas também o modo como mulheres tem sido representadas nos vários campos artísticos ao longo da história. Representações do feminino são abundantes nas artes plásticas, cinema, teatro,

¹ Pesquisadora em Ciências Sociais e Humanas do Centro de Pesquisa e Formação do Sesc em São Paulo. dulcilei@gmail.com.

literatura, produções televisivas, peças publicitárias, mas quase sempre corresponde ao olhar masculino sobre as mulheres. Razão pela qual se proliferam corpos desnudos, apelo sexual, estereótipos de todo tipo.

Se as práticas culturais são expressões do viver e pensar humanos, de seus valores e hábitos cotidianos, se refletem suas idiossincrasias, é seguro afirmar que as desigualdades sociais, de raça/etnia, gênero, orientação sexual, entre outras estão inevitavelmente representadas na produção artística sendo, portanto, também reprodutoras dessas desigualdades.

[...] as justificativas para as desigualdades sociais e econômicas são de uma maneira geral referenciadas ao contexto cultural que marcam determinado meio social. Os comportamentos preconceituosos e misóginos decorrem de uma cultura discriminatória engendrada pelo patriarcalismo na sociedade humana. A relação da questão cultural com a dimensão de gênero e de raça/etnia fundamenta-se numa abordagem antropológica que ultrapassa a formação erudita e amplia-se na produção dos bens materiais para os imateriais e inclui valores, crenças, rituais, hábitos, identidades e processos de organização social (PNPM, 2013: 74).

A produção cultural é, portanto, reprodutora das desigualdades e preconceitos engendrados na sociedade. Pesquisa realizada em 2013 pela **New York Film Academy** – que analisou os 500 filmes mais vistos entre os anos de 2007 e 2012 -, conclui que o cinema é um negócio de homens. Em toda a sua trajetória o lugar ocupado pelas mulheres se restringiu a exibição na frente das lentes no papel de musas, e frequentemente, em papéis menores e com menos roupas. Embora, haja hoje muitas cineastas e produtoras das mais diversas procedências, o levantamento realizado pela *New York Film Academy* revela que a sétima arte ainda está longe de ser um espaço de igualdade entre homens e mulheres.

Segundo esse levantamento, embora as mulheres correspondam a 50% do público em salas de cinema, nas telas apenas 10,7% das produções possuem o mesmo equilíbrio de gênero que se vê nas poltronas das salas de exibição (SOARES, 2013).

As mulheres “representam apenas 30,8% dos personagens com falas” e desse total aproximadamente um terço aparece em cenas de nudez. Um dado preocupante foi o aumento em 32,5% de meninas e adolescentes representadas com alguma nudez (SOARES, 2013).

O levantamento realizado pela *New York Film Academy* também constatou que as atrizes recebem salários menores que seus colegas do sexo masculino e que o envelhecimento gera para elas maiores barreiras profissionais que para eles. Ficam

também em mãos masculinas a maior parte dos prêmios concedidos pela indústria cinematográfica norte-americana (SOARES, 2013).

Nos bastidores, as desigualdades entre homens e mulheres são ainda mais evidentes como constata a pesquisa:

Em 2012, apenas 9% dos filmes foram dirigidos por mulheres, e só 15% foram escritos por elas. Entre os produtores, 25% eram mulheres; já em meio aos produtores executivos o número cai para 17%. Apenas 20% dos que trabalham na sala de edição são do sexo feminino e só 2% dos encarregados pela cinematografia eram mulheres. Considerando estes cargos, 38% dos filmes analisados empregaram uma ou nenhuma mulher; apenas 10% empregaram entre 6 e 9 mulheres (SOARES, 2013).

No cenário nacional pesquisa recente coordenada pelo **Instituto de Estudos Sociais e Políticos (IESP)** da UERJ demonstra que a realidade cinematográfica brasileira não é tão diferente da norte-americana.

A pesquisa *A cara do cinema nacional* partiu de duas questões fundamentais: *Há diversidade nos processos de criação dos filmes? Os diferentes grupos sociais encontram-se representados nessas produções?* Foram analisados os filmes nacionais de maior bilheteria – portanto, com maior alcance de público – entre 2002 e 2012, conforme listagens publicadas pela Ancine.

A pesquisa revela que apenas 13,7% dos cargos de direção são ocupados por mulheres, e somente 26% dos roteiros são escritos por elas. Essa distância diminui apenas entre os intérpretes: 41% são mulheres e 59% são homens. Entretanto, é importante salientar que a maior participação de mulheres na frente das telas do que atrás delas não reflete o protagonismo de personagens e narradores femininos, tampouco inibe a presença de estereótipos de gênero. A pesquisa dá atenção ainda ao recorte racial e afirma que:

As mulheres negras não estão nas telas de cinema, nem atrás das câmeras. [...] pretas e pardas não figuraram nos filmes nacionais de maior bilheteria. Apesar de ser a maior parte da população feminina do país (51,7%), as negras apareceram em menos de dois a cada dez longas metragem entre os anos de 2002 e 2012. Além disso, atrizes pretas e pardas representaram apenas 4,4% do elenco principal de filmes nacionais. Nesse período, nenhum dos mais de 218 filmes nacionais de maior bilheteria teve uma mulher negra na direção ou como roteirista (VIEIRA, 2014).

É fundamental considerar que as mulheres não constituem um todo uniforme. De modo que, se faz necessário elaborar políticas públicas transversais que deem conta de pensar a realidade das mulheres de maneira multidimensional.

[...] a preocupação com o valor simbólico dos conteúdos veiculados nos diferentes meios de comunicação é também uma preocupação do Estado, pois esses conteúdos atuam na construção simbólica dos marcadores de gênero, etnia, raça, geração e classe. As políticas de promoção da igualdade consideraram as dimensões da cultura, da comunicação e da mídia em suas estratégias de valorização das diversidades e fim das discriminações de gênero, raça/etnia, orientação sexual, identidade de gênero, geração, região. Alterar os processos de construção de relações assimétricas de poder a partir dos campos de cultura e comunicação é um dos objetivos do PNPM² (PNPM, 2013: 74).

No artigo *A representação social da mulher no cinema brasileiro* (2013), Neila Pina analisa algumas produções nacionais e o modo como as mulheres são retratadas. Neila identifica a perpetuação de uma

[...] forte herança patriarcal, o que contribuiu para reforçar um dos mitos sociais mais duradouros: a inferioridade da mulher. Essa visão da mulher fez com que o cinema a retratasse sempre dentro dos seguintes estereótipos: mulher fatal, prostituta, a virgem, a mãe (PINA, 2013: 4).

Essas disparidades não se restringem ao universo cinematográfico. Uma extensa pesquisa realizada por Regina Dalcastagnè (2007) sobre a produção literária brasileira contemporânea traz conclusões semelhantes às da pesquisa do IESP-UERJ sobre cinema. Após analisar todos os romances publicados num intervalo de quinze anos pelas maiores editoras brasileiras (Companhia das Letras, Record e Rocco), Regina constata que do total de publicações, menos de 30% são de autoras. Menos de 40% das personagens são mulheres. As personagens femininas também “têm menos acesso à voz, isto é, à posição de narradoras” e são minoria entre as personagens que protagonizam as narrativas.

Como autores e autoras constroem suas personagens femininas?

De acordo com a pesquisa de Regina, em geral as mulheres escritas por homens são menos escolarizadas, mais dependentes financeiramente dos homens, ocupam menos a posição de intelectuais, 42,3% delas são donas de casa, “há um número muito grande de personagens doentes (23,1%) e com dependência química (15,4%)” (DALCASTAGNÈ, 2007: 131).

Embora a maioria das personagens femininas escritas por mulheres também sejam donas de casa, elas são mais escolarizadas, tem formação superior, “a principal característica de suas protagonistas é a inteligência (63%)”, são muito mais independentes e 33,3% se dedicam à escrita. A presença de personagens doentes é

² Plano Nacional de Políticas para Mulheres.

expressivamente menor (3,7%) e não foi encontrado nenhum caso de dependência química³ (DALCASTAGNÈ, 2007: 131).

A partir dessa pesquisa Dalcastagnè constata que a “menor presença das mulheres entre os produtores se reflete na menor visibilidade do sexo feminino nas obras produzidas” (DALCASTAGNÈ, 2007: 129).

De modo geral há uma aparente naturalização da invisibilidade de alguns grupos sociais nas produções culturais nacionais reflexo da realidade brasileira em sua profunda desigualdade social, étnico-racial e de gênero. Ainda de acordo com Dalcastagnè:

O efeito de realidade gerado pela familiaridade com que o leitor reconhece o espaço da obra acaba por naturalizar a ausência ou a figuração estereotipada das mulheres, ou de diferentes grupos étnicos. Daí o descompasso, especialmente presente nas obras masculinas, entre a posição e o espaço que as mulheres vêm conquistando na sociedade brasileira e a sua representação literária (DALCASTAGNÈ, 2007: 134).

A 12ª. edição da Festa Literária de Paraty (2014) reuniu 44 autores, dos quais apenas 7 eram mulheres. Motivada por essa realidade, a escritora Martha Lopes escreveu o artigo intitulado *Onde estão as mulheres da literatura?* No artigo a autora discute o modo desigual como editoras, imprensa, críticos, Academia e curadores de festivais tratam as escritoras em comparação ao tratamento dado aos autores do sexo masculino. Segundo Martha, “as mulheres são maioria entre os leitores, consomem mais livros, revistas e e-books do que os homens e são as maiores incentivadoras do hábito de leitura de seus filhos⁴. Ainda segundo a autora - contrariando os resultados das pesquisas de Regina Dalcastagnè - as mulheres publicam na mesma medida que os homens, mas recebem menos “destaque na imprensa, em premiações e eventos literários”.

Martha Lopes exemplifica esse tratamento “diferenciado” ao mencionar a “tendência das editoras de sugerir capas com flores, cores suaves e delicadas mesmo

³ Regina Dalcastagnè deixa claro que há uma profunda disparidade numérica entre escritoras brancas e negras. Quanto as características de personagens femininas negras, nota-se a reprodução de estereótipos e preconceitos raciais: “nenhuma personagem não-branca escreve, elas têm como “talentos” a cozinha, a costura e a dança (42,9% para cada), o que demarca com clareza os espaços ocupados por cada grupo” (2007: 131).

⁴ Pesquisa do Instituto Pró-livro realizada em 2011 constata que as mulheres leem em média 4,2 livros por ano, enquanto homens leem cerca de 3,2 livros no mesmo período. A mãe (43%) fica atrás apenas dos professores (45%) como influência no interesse pela leitura. São também as mulheres que mais frequentam bibliotecas (55%) e o maior público de livros digitais (52%). Pesquisa Retratos da Leitura no Brasil. Disponível em: http://prolivro.org.br/home/images/relatorios_boletins/3_ed_pesquisa_retratos_leitura_IPL.pdf. Acesso em 08 maio 2015.

que o tema não tenha nada que ver com essa identidade”. Outro exemplo dado pela autora, diz respeito ao destaque que a imprensa costuma dar à vida pessoal e aparência física das escritoras em detrimento do seu trabalho literário.

É importante destacar o papel vital que grupos feministas e dos movimentos negros têm desempenhado no questionamento dessas “ausências”. Sem a ação de tais grupos nem mesmo os poucos passos dados (até o momento) no sentido de reduzir essa desigualdade teriam sido possíveis.



Fig. I - *As mulheres tem que ficar nuas para entrar no Museu Metropolitano de arte?* - Cartaz do grupo de artistas feministas Guerrilla Girls que nasceu em 1985 como reação à uma exposição retrospectiva realizada no MoMa em NY. A mostra buscava reunir os nomes mais significativos da arte contemporânea e dentre os 169 artistas expostos, apenas 13 eram mulheres.

Fonte: <http://www.guerrillagirls.com/posters/nakedthroughtheages.shtml>

A que podemos atribuir a “ausência” ou insuficiência do protagonismo feminino nas produções culturais?

De acordo com Vera Lúcia Lemos Soares (2013)⁵ - ex - Secretária de Articulação Institucional e Ações Temáticas da Secretaria de Políticas para as Mulheres da Presidência da República - que participou intensamente da criação dos editais *Prêmio Funarte Mulheres nas Artes Visuais* e *Carmen Santos Cinema de Mulheres*: “as desigualdades de gênero e raça, os valores e crenças sobre capacidades e habilidades de homens e mulheres, negros e brancos, definem espaços” e condicionam as oportunidades disponíveis para cada grupo dentro da sociedade. Apesar dos avanços conquistados nas últimas décadas, a visão masculina de mundo ainda é predominante.

Não há dúvida! Basta percorrer as galerias e museus, visitar uma livraria, entrar num cinema, ligar a TV, andar pelas ruas, para perceber que se trata de um mundo ainda masculino, ou seja, o que predomina é um mundo masculino. A

⁵ Retirado da gravação em áudio da palestra *Cultura como direito da mulher: política e produção cultural* ministrada por Vera Lúcia Lemos Soares realizada em 13 de maio de 2014 no Centro de Pesquisa e Formação do Sesc em São Paulo.

mulher raramente é autora ou agente. Seu papel mais comum é de musa inspiradora, retratada de maneira quase unidimensional, condescendente, idealizada, objetificada, fetichizada pelos grandes artistas ou notáveis em geral do sexo masculino (Vera Lúcia L. Soares, 2013).

As instituições culturais e educacionais são responsáveis pela ausência das mulheres entre os grandes nomes da arte e da ciência. Ana Paula Simioni em *A difícil arte de expor mulheres artistas (2011)* recupera um famoso artigo escrito na década de 1970 por Linda Nochlin onde a autora se propõe a explicar "as causas da aparente inexistência das mulheres artistas na história". Nochlin desconstrói o mito da ausência natural de talento artístico nas mulheres ao demonstrar que elas estiveram excluídas das "principais instâncias de formação de carreiras artísticas ao longo dos séculos XVIII e XIX" (2011: 376).

O maior empecilho para o acesso das mulheres às academias de arte consistia na impossibilidade de cursar as aulas de "modelo vivo". A Revolução Francesa elevou a pintura histórica a gênero de maior importância nas artes, transformando o corpo masculino em "centro simbólico e figurativo do civismo heróico" (SIMIONI, 2007: 89). Impossibilitadas de estudar o modelo vivo, o que tornava impraticável o desenvolvimento da pintura histórica, as mulheres tiveram que se dedicar aos gêneros considerados menores aos olhos da Academia: naturezas-mortas, retratos, decorações de tecidos, paisagens, tapeçarias (SIMIONI, 2007).

Ateliês privados proliferaram após a Revolução e se tornaram os principais espaços de formação para artistas mulheres. A Académie Julián abriu turmas exclusivamente femininas, entretanto as mensalidades e anuidades custavam geralmente o dobro para mulheres (SIMIONI, 2007).

Simioni (2011) destaca também o modo desigual com que homens e mulheres têm sido tratados pelas instâncias responsáveis pela consagração de artistas, como a crítica de arte, a imprensa, o mercado de arte, os espaços expositivos e museus.

Em fins do século XIX no Brasil, as mulheres que desejavam profissionalizar-se enquanto artistas enfrentavam como obstáculos para o ingresso nos cursos superiores, as lacunas nos currículos secundários femininos que concentrados em "prendas do lar", tornava desleal a concorrência com os homens - cujos currículos valorizavam os conhecimentos científicos. Mas, sobretudo

os impactos advindos do desprezo com que os críticos tendiam a julgá-las, os quais, utilizando-se de categorias diversas do que as aplicadas aos artistas masculinos — como, por exemplo, a de “amadoras”, ou, ainda, de “artistas femininas” —, inscreviam-nas em espaços simbolicamente menos

“profissionais” do que aqueles reservados aos seus colegas de ofício. Os efeitos disso foram os mais contundentes: aos poucos, muitas foram sendo obliteradas dos livros de história da arte, tantas vezes baseados de modo acríptico nos julgamentos dos críticos (SIMIONI, 2007: 96).

Como demonstra Jane Almeida, as mulheres tiveram que lutar pelo direito a educação, e o fizeram a partir das mais variadas estratégias. Até o início do século XX, a educação feminina era vista como "contaminadora da sua consciência, perigosa para a pureza de seu corpo e da sua alma" (2000: 7). Coube aos movimentos feministas solapar essa visão medieval de educação para as mulheres. A instrução era vista pelas feministas como ferramenta essencial na ampliação dos direitos políticos e sociais das mulheres, na profissionalização e, portanto aquisição de poder econômico (chave para se alcançar autonomia)⁶.

Os editais

Porque somos tão poucas protagonistas das produções culturais? Quem são as mulheres que estão produzindo? Existe ou não uma produção feminina nacional?

Segundo Vera Lúcia L. Soares, os editais foram desenvolvidos a partir dessas perguntas e tinham a intenção de responder pelo menos parte delas sem, no entanto incorrer no erro de cair na falaciosa crença da existência de uma sensibilidade, de uma plástica, um espírito comum às mulheres. Não se trata de revisitar o fantasma de uma arte feminina (SIMIONI, 2011)⁷.

Os editais se justificam a partir do reconhecimento das desigualdades de gênero no protagonismo e nas representações do feminino nas produções culturais e nas dificuldades encontradas por mulheres na realização e difusão de suas produções, que

⁶ A princípio o "acesso à educação [...] revelou-se como mais um mecanismo de opressão. As escolas normais, os liceus, criados para dar instrução e profissionalizar as jovens, repetiam as normas e a imagética social de uma educação feminina voltada para o espaço doméstico. À medida que a educação das mulheres possibilitou conservar nos lares como nas escolas e na sociedade a hegemonia masculina, esta foi uma faca de dois gumes: detentores do poder econômico e político, os homens também apropriaram-se do controle educacional e passaram a ditar as regras e a normatizar a educação feminina segundo seu modo de agir e pensar (ALMEIDA, 2000: 7).

⁷ A categoria "Arte feminina" teria nascido no século XIX no intuito de abrigar a crescente produção artística de mulheres. Surgiram associações femininas como a *Union des femmes peintres et sculpteurs* que criaram condições e abriram espaços para a exposição dos trabalhos dessas artistas. Os salões exclusivos tiveram como efeito colateral, o estímulo a um olhar diferenciado para as obras das artistas mulheres que "passaram a ser julgadas não a partir de valores estéticos determinados pelo campo artístico, mas sim de expectativas sociais ditadas pelas demandas de seu gênero, como a de serem “doces”, “femininas”, “delicadas”, “graciosas”, etc. No limite, a “arte feminina” impôs-se então como uma modalidade classificatória perigosa na medida em que tanto solapava a diversidade estética das obras feitas por mulheres, quanto as afastava dos debates estéticos centrais" (SIMIONI, 2011: 379).

muitas vezes permanecem invisíveis. Os prêmios surgem, portanto, para incentivar produções de mulheres e para mulheres.

Atendendo à Constituição Federal que "afirma a cultura como um direito básico do cidadão e da cidadã", os editais de cultura dirigidos às mulheres visam contribuir para dirimir as desigualdades no acesso "aos meios de produção, difusão dos bens e serviços culturais e da própria produção cultural" do público feminino (PNPM, 2013). Pretendem ainda, contribuir no desenvolvimento e consolidação de

[...] uma nova ótica da representação de homens e mulheres que não se restrinja aos parâmetros ainda muito próximos da tradição patriarcal estabelecendo a construção de um olhar [...] em bases diversas originadas de uma nova forma de pensar as relações de gênero e a construção da igualdade (SOARES, 2014).

A primeira edição do edital *Carmen Santos Cinema de Mulheres* - realização da SPM em conjunto com a Secretaria do Audiovisual do Ministério da Cultura - foi publicado em julho de 2013 e teve um total de 415 inscrições habilitadas, das quais 10 produções de curta e média-metragem foram contempladas.

Além da exigência de que a direção dos filmes fosse assinada por mulheres, o edital propôs como tema "a construção da igualdade entre mulheres e homens, os direitos da mulher e de sua cidadania". Vera Lúcia Lemos Soares revela que a definição da temática se deu a partir do interesse em se compreender o modo como essas mulheres cineastas "viam a construção e transformação da situação de mulheres na sociedade brasileira". Como lidavam com estereótipos e preconceitos em relação às mulheres, qual a reflexão que faziam acerca deles. Como traduziriam para a linguagem cinematográfica a trajetória de lutas e conquistas das mulheres.

A partir da produção de mulheres sobre mulheres, o edital pretendia dar visibilidade à produção feminina e afirmar que há uma boa produção cinematográfica de mulheres em curso no país⁸.

Ainda em 2013 foi publicada a primeira edição do edital *Prêmio Funarte Mulheres nas Artes Visuais*. Esse edital visava selecionar iniciativas de proponentes do sexo feminino e propiciar o estímulo, reflexão e experiência artística de mulheres.

⁸ Um bom exemplo da existência de uma consistente produção cinematográfica feminina é o Femina Fest - Festival Internacional de Cinema Feminino promovido pelo Instituto de Cultura e Cidadania Femina. O festival - que em 2014 realizou sua 11a. edição - acontece anualmente e tem como propósito promover "o trabalho das mulheres no cinema e na cultura, estimulando o surgimento de novas diretoras e a presença da mulher no mercado de trabalho audiovisual, incentivando a produção de filmes com protagonismo feminino, e principalmente, tem sido um espaço de encontro de profissionais do audiovisual e outras áreas para debaterem a produção feminina e as relações de gênero". Disponível em: <http://www.feminafest.com.br/2014/pt-br/content/apresenta%C3%A7%C3%A3o-presentation579181504>. Acesso em 07 maio de 2015.

Segundo Vera, se utilizou o conceito do Ministério da Cultura/Funarte para categorização de Artes Visuais, de modo que, ao invés de se limitar às artes plásticas, o edital considerou um amplo campo de atuação abrangendo inclusive um contexto social e político. O edital foi deixado bastante aberto de forma a abrigar expressões variadas como as artes virtuais, interferências artísticas e urbanas, ações coletivas, fotografia, holografia, poesia virtual, artesanato, design, etc. A flexibilidade do documento permitiu incorporar a diversidade, contribuindo para ampliação da representação e identificação nacional e universal.

Foram 630 projetos habilitados, dos quais 10 contemplados. Houve a preocupação de se contemplar a diversidade regional brasileira, evitando a concentração de projetos premiados numa mesma região.

A SPM estuda a melhor maneira de disponibilizar os projetos ao público e como gerar reflexão e ações educacionais a partir desse material.

Embora, essas ações sejam incipientes - considerando o contexto geral da produção e representação femininas na cultura - são fundamentais como início de um processo de equalização entre homens e mulheres nas ocupações dos setores culturais. A presença do poder público - por meio de políticas públicas - nos diferentes ambientes da cultura é indispensável para fazer emergir as contradições e as complexidades perpetuadas nas produções nacionais, bem como no desenvolvimento de estratégias de combate às desigualdades diagnosticadas.

Referências Bibliográficas

ALMEIDA, Jane Soares. **As lutas femininas por educação, igualdade e cidadania**. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, Brasília, v. 81, n. 197, p. 5-13, jan./abr. 2000. Disponível em: <http://rbep.inep.gov.br/index.php/RBEP/article/viewFile/152/151>. Acesso em 07 maio 2015.

CANDIDO, Marcia Rangel; MORATELLI, Gabriela; DAFLON, Verônica Toste; FERES JÚNIOR, João. **A Cara Do Cinema Nacional: gênero e cor dos atores, diretores e roteiristas dos filmes brasileiros (2002-2012)**. *Textos para discussão GEMAA (IESP-UERJ)*, n. 6, 2014, pp. 1-25.

DALCASTAGNÈ, Regina. **Imagens da mulher na narrativa brasileira**. Disponível em: http://www.letras.ufmg.br/poslit/08_publicacoes_txt/er_15/er15_rd.pdf. Acesso em 15 jul. 2014.

EDITAL CARMEN SANTOS CINEMA DE MULHERES. Ministério da Cultura. Disponível em: http://www.cultura.gov.br/documents/10889/927207/20130628_Edital+Carmen+Santos+_2013.pdf/91e7553d-bd7d-4716-b127-0ed42851cc1b. Acesso em 15 de jul. 2014.

EDITAL FUNARTE MULHERES NAS ARTES VISUAIS. Funarte. Disponível em: <http://www.funarte.gov.br/edital/premio-funarte-mulheres-nas-artes-visuais-2013/>. Acesso em 15 jul. 2014.

FEMINA FEST. Disponível em: <http://www.feminafest.com.br/2014/pt-br/content/apresenta%C3%A7%C3%A3o-presentation579181504>. Acesso em 07 maio de 2015.

INSTITUTO PRÓ-LIVRO. Retratos da Leitura no Brasil. Disponível em: http://prolivro.org.br/home/images/relatorios_boletins/3_ed_pesquisa_retratos_leitura_I_PL.pdf. Acesso em 08 maio de 2015.

LOPES, Martha. **Onde estão as mulheres da Literatura?** Disponível em: http://www.brasilpost.com.br/martha-lobes/onde-estao-as-mulheres-da-literatura_b_5591887.html. Acesso em: 07 maio 2015.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. São Paulo: contexto, 2012.

PINA, Neila Renata Silva. **A representação social da mulher no cinema brasileiro.** Disponível em: file:///C:/Users/acer/Downloads/1198.pdf. Acesso em 15 jul. 2014.

PLANO NACIONAL DE POLÍTICAS PARA MULHERES: 2013-2015. Secretaria de Políticas para Mulheres. Disponível em: <http://spm.gov.br/pnpm/publicacoes/pnpm-2013-2015-em-22ago13.pdf>. Acesso em 15 jul. 2014.

SIMIONI, Ana Paula Cavalcanti. **A Difícil Arte de expor Mulheres artistas.** Cad. Pagu [online]. 2011, n.36, pp. 375-388. ISSN 0104-8333.

_____. **O corpo inacessível: as mulheres e o ensino artístico nas academias do século XIX.** Disponível em: <http://www.artcultura.inhis.ufu.br/PDF14/Ana%20Paula%20Cavalcanti.pdf>. Acesso em 05 de maio 2015.

SOARES, Jéssica. **5 fatos sobre a desigualdade entre gêneros no cinema.** Revista Superinteressante, 2 de dezembro de 2013. Disponível em: <http://super.abril.com.br/blogs/superlistas/5-fatos-sobre-a-desigualdade-entre-generos-no-cinema/>. Acesso em 15 jul 2014.

VIEIRA, Isabela. **Pesquisa revela que mulheres negras estão fora do cinema nacional.** Revista Fórum, 6 de julho 2014. Disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/cultura/noticia/2014-07/pesquisa-revela-que-mulheres-negras-estao-fora-do-cinema-nacional>. Acesso em 15 jul. 2014.